

perdido com o *Lutine*, que fora a pique no mar da Mancha, projeto aliás a que renunciou pela construção do *Seal*. Rehaver boa parte das riquezas, perdidas no fundo do mar; explorar, nestas regiões desconhecidas, depósitos de ouro, platina, rádio, e jazidas de petróleo, tudo isso o inventor inclui nas suas pre-

visões, poder-se-ia dizer, no seu vasto e audacioso programa de ação submarina.

Não faltarão, naturalmente, técnicos, para sorrir de tais coisas, considerando-as irrealizáveis. Este, porém, é um vocábulo, que Simon Lake sempre demonstrou ignorar.



¶ *Um achado e as suas consequências para um rapaz tímido.*

Mil dólares no meio da rua

(Condensado da «Cosmopolitan»)

Por Manuel Komroff

FAIRVIEW é uma cidadezinha asseada e tranquila, que até há uma semana dormia profundo sono. Hoje, porém, fervilha de atividade e animação. Tudo porque um rapaz, Henry Armstrong, achou uma nota de mil dólares.

Encontrou-a quando, de manhã, se dirigia para o escritório. Ia hesitante, de cabeça baixa, porque os negócios corriam mal na companhia de seguros

onde trabalhava, e no mês anterior vários empregados haviam sido despedidos. Henry sentia que sua posição não era firme.

Estou convencido de que, se um dia se fizer o rol das moléstias do homem moderno, nele figurará a corrosão do espírito pela incerteza. A incerteza traz o temor e produz a desconfiança em nós mesmos e em nossas relações com os demais. É um ácido que nos dissolve o cerne do eu, e nos transforma em alguma coisa que não devíamos ser. Era o que acontecia a Henry—andava tímido, esquivó, com medo da própria sombra.

Mas, quando guardou a nota de mil dólares no bolso, corrigiu logo a postura, jogou o peito para diante, e o seu passo tornou-se agressivo. Ao chegar ao escritório, varou por ele a dentro como se fosse o dono. E, verificando que o

MANUEL KOMROFF, contista brilhante, mestre no pormenor descritivo, adquiriu fama em 1929, com a extensa novela histórica *Coronet*, que alcançou a tiragem de um milhão de exemplares. Escritor cujo talento se tem exercido em vários ramos literários, crítico de arte e de cinema, articulista, foi diretor da «Modern Library». Hoje, com 50 anos, é membro do Conselho da Liga dos Escritores Americanos, e colaborador de grandes revistas. Seus livros mais recentes são *Waterloo*, *The March of the Hundred*, e *The Magic Bow*.

patrão ainda não havia chegado, ordenou a uma secretária: «Diga ao sr. French que estarei de volta dentro em pouco. Preciso falar-lhe.»

Em seguida, dirigiu-se resolutamente para o escritório do jornal *Chronicle*, e redigiu um pequeno anúncio em que dizia haver encontrado a nota: «O seu dono deve comunicar-se com Henry Armstrong». A publicação custava um dólar e sessenta centavos, e ele não possuía essa importância. Pediu que ela lhe fosse debitada, e o empregado que o atendeu foi consultar o diretor-proprietário, sr. Young.

—Achou uma nota de mil dólares? Quero conversar com ele.

E, logo que Henry entrou no seu escritório:

—Olhe, moço, se você nos contar o que se passou, daremos a respeito uma notícia, e não será preciso fazer o anúncio. O dinheiro estava nalguma carteira?

—Não, respondeu Henry.—Nada havia que permitisse identificar o dono. Vou mostrar-lhe a nota, sr. Young.

—Não, não quero vê-la, atalhou rapidamente o jornalista.—O único ponto de referência que há é o número da série, e eu o aconselho a não mostrar a nota a quem quer que seja. Alguém poderia guardar mentalmente o número, e mandar um terceiro reclamá-la. Onde a achou?

—Na Rua Principal. Talvez tivesse voado de um automovel.

—Que é que você pretende fazer com o dinheiro, se este não for reclamado?

—Vou tratar de casar-me com Dolly Summers. Há muito que esperamos, mas agora acho que poderemos resolver o caso.

—Aí está material aproveitável para uma notícia. Você é aqui de Fairview?

—Sou, mas não quero viver aqui.

—Ora essa! Porque?

—Porque isto é uma cidade de gente velha. Quem nela manda é um grupo de rotineiros, e eles acham que tudo o que fazem está bem feito. Nós, os moços, não pensamos assim. Nem um de nós ficará aqui, se tiver meios de ir-se embora, para tentar qualquer coisa onde haja mais espírito de iniciativa.

—Que é que você entende por «espírito de iniciativa»?

—Para falar a verdade, seu jornal mesmo não revela espírito de iniciativa. Se eu lhe dissesse que os caminhões de entrega não deviam rodar pelas ruas sem estarem segurados, o senhor me retrucaria: «O que você quer é apenas vender-me apólices.» E regressaria à sua concha, como um caramujo, segundo o hábito típico da gente de Fairview. Mas o fato é que o senhor erra quando faz andar os seus caminhões por aí, sem estarem no seguro.

—Como é que você sabe que os nossos caminhões não estão segurados?

—Sei, porque o nosso escritório há muito que tenta obter esse seguro, e a resposta sempre tem sido que o senhor sabe muito bem o que está fazendo.

—Ah, a coisa então é essa, rapaz? perguntou o jornalista.

—Eu bem sabia que o senhor não havia de gostar do que lhe dissesse, sr. Young! Mas foi o senhor quem perguntou...

E com estas palavras Henry deixou o jornal.

Ocorreu-lhe então que devia contar a novidade a Dolly, e correu a procurá-la. Mas contou-lhe tudo tão depressa, que ela não pôde entender patavina, e somente perguntava:

—Que é que deu em você, Henry? Nunca o vi assim!

—Você ainda não sabe de nada, meu bem. Quando voltar ao escritório, vou conversar com o sr. French. É tempo de por os pontos nos ii, e isso agora é comigo!

—Henry, você perde o emprego!

—Meu emprego não é coisa que a gente receie perder. Até logo, Dolly!

Ao entrar no escritório, foi direito à sala do patrão:

—Sr. French, vim comunicar-lhe que vou deixar o emprego. Hoje de manhã achei uma nota de mil dólares, e quero ver o que há por aí, se encontro outra coisa que me agrade mais. Não posso suportar esta atmosfera de incertezas, e gostaria de lhe explicar o que é que os moços como eu sentem. Se o senhor me quer ouvir...

—Vamos lá. Estou com vontade de saber o que é que uma nota de mil dólares pode dizer!

—Todos nós vivemos aqui, semana após semana, a imaginar quem será o próximo empregado a ir para a rua. Essa insegurança produz receio, deixamos tímidos, o que é prejudicial aos interesses da casa, fazendo o sr. perder dinheiro. Todo o seu pessoal está nervoso e os seus clientes o percebem. O senhor mesmo vive preocupado com as despesas; mas não viveria tão preocupado se aparecessem mais negócios; e mais negócios apareceriam, se não estivessem todos sentindo que a situação não é segura para ninguém. É o que eu lhe queria dizer, sr. French; desculpe-me a franqueza; espero que não fique zangado comigo.

—Sente-se um pouco, Henry, disse o patrão.

O telefone tocou. Era o diretor do *Chronicle* à procura do rapaz:

—Sr. Armstrong, quero citá-lo num artigo que estou escrevendo sobre o

tema «Fairview». Pode vir almoçar comigo?

—Com muito prazer, obrigado. Encontrar-nos-emos às doze e trinta.

O jornalista continuou a falar do outro lado e Henry respondeu:

—Pois não. O sr. French mandarlhe-á com toda a satisfação uma tabela dos prêmios de seguros.

Desligou o telefone e voltou-se para o sr. French:

—Quando fui por o anúncio sobre a nota de mil dólares que achei, disse ao sr. Young o que pensava do fato de não estarem no seguro os caminhões do jornal. Ele lhe pede que remeta uma tabela de prêmios.

—Que tal se o senhor fosse levá-la pessoalmente, à tarde?

—O senhor compreende, sr. French, que não irei como seu empregado; mas terei muito gosto em ir.

O sr. French propôs:

—Henry, se você continuar senhor do sentimento de confiança que está revelando, eu lhe darei um contrato por três anos, comissão em todos os negócios fechados pela companhia, e um aumento de 25 dólares, para já, além de outros em cada ano.

O rapaz refletiu por um instante e decidiu aceitar.

No dia seguinte o *Chronicle* publicava na primeira página toda a história da nota de mil dólares. Num quadro, estas palavras: «*Que é que está errado aqui em Fairview?* Ataque direto que exige resposta! Veja o editorial da página 5.»

À noite, o Conselho Municipal realizou uma sessão com a presença de Henry, convidado a falar sobre as aspirações dos moços de Fairview. Na manhã imediata, o jornal relatou o que o rapaz disse, e louvou o Conselho por

tê-lo convidado para a vaga que havia em seu seio.

Tamanha publicidade trouxe aumento de negócios para Henry e para a Companhia. Pessoas que Henry não tinha visto durante um ou dois anos começaram a aparecer para conversar sobre seguros. Apoderou-se do ambiente grande animação.

Entretanto, uma semana depois de achado o dinheiro, Henry e Dolly começavam a fazer a lista de coisas necessárias para a casa em que residiriam, e o rapaz tirou a nota da carteira.

—Enfim, creio que chegou a hora de utilizarmos esta bendita «pelega». Se a gente pudesse guardá-la...

E então, pela primeira vez, examinou a nota de perto.

—Olhe, Dolly! exclamou.—Este dinheiro tem qualquer coisa de estranho. Este papel não tem os verdadeiros fios de seda; os que aqui estão não passam de linhas vermelhas impressas.

Tirou do bolso outra nota, de um dólar, e comparou-a cuidadosamente com a de mil. Não havia dúvida: a achada era falsa!

O rapaz sentou-se e pôs-se a mirá-la. Depois sorriu e murmurou:

—Que brincadeira! Podemos rasgar a lista de compras a fazer para a nossa casa. Ainda bem que não trocamos a nota, Dolly. Estaríamos agora sendo vítimas da troça da cidade inteira!...

—Não faz mal, Henry. Bem bom que a nota seja falsa. Assim, ninguém virá reclamá-la e poderemos pô-la num quadro, como mascote. Que importa que ela seja verdadeira ou não? Este pedaço de papel fez você acreditar em si mesmo e lhe abriu o futuro. Seu ordenado foi aumentado; na semana passada você fechou mais negócios do que qualquer outro empregado. Obteve uma publicidade que vale milhares de dólares. É agora membro do Conselho Municipal—o membro mais moço que o Conselho já teve. Além disso, toda a cidade despertou. Você não vê? A nota realizou sua missão, tão bem como se fosse verdadeira.

Henry ficou sentado, em silêncio, fixando o olhar no soalho. E ao fim de algum tempo murmurou:

—Você tem razão, Dolly. Vamos continuar com esta lista de compras. E não se esqueça de incluir uma moldura para enquadrar a nossa rica nota de mil dólares!



❏ Todo empregado do Departamento da Guerra é obrigado a usar um distintivo, com seu nome e fotografia, esta última do tamanho usado nos passaportes. Um empregado, para experimentar a praticabilidade dessa identificação, substituiu a sua fotografia por outra, recortada de uma revista, e, durante três semanas, passou pelos guardas externos e internos do edifício onde trabalhava. Só findo esse prazo, um colega observou que a tal fotografia era de Hitler!

—W. M. Kiplinger, *Washington Is Like That* (Harper, ed.)